

## POR QUÊ CANUDOS?

Fernando Massote

Professor do Departamento de Ciência Política da UFMG

O episódio de Canudos é um dos temas da nossa história social, política e militar que mais instigam a curiosidade dos que o abordam. As suas características são mesmo bastante singulares: ele se dá em uma região marcada pela distância, pelo isolamento, pela inclemência do clima, pelo abandono do Brasil oficial. Trata-se, de fato de um cenário diferente no vasto panorama nacional.

A história da região, condicionada em um quadro tão particular é também uma história diferente: a lenta ocupação do Sertão foi feita por homens e animais que *sobraram* na zona costeira do açúcar e ao sabor das circunstâncias foram penetrando região adentro. A última grande circunstância foi a crise da produção algodoeira dos Estados Unidos durante a Guerra de Secessão que abriu espaço, no mercado internacional, para o produto sertanejo, por alguns poucos anos.

Se as forças do homem organizado - a civilização - não ajudam o Sertão, as forças da natureza conspiram constantemente contra a sua vida difícil. Como que *cobrando* a sorte dos que imigraram para o Sertão nos anos sessenta do século passado a procura de uma vida nova produzindo algodão para exportar, veio, em 1877, o flagelo da grande seca que por 3-4 anos a fio matou mais de cem mil pessoas.

A vida, no Sertão, é colocada à prova a cada instante e a sua força como que por prodígio, renasce incessantemente. Este renascimento constante, produz, a meu ver, dois tipos de história que chamarei, algo maniqueisticamente de **positiva e negativa**. **Positiva** é a história na qual o homem busca a sobrevivência num tipo de comportamento coletivo produtivo de novas riquezas e aí, então, faz *história econômica*. **Negativa** é a história de quem combate o mundo existente em defesa de interesses oprimidos e aí faz *história revolucionária*. Um balanço pode ser feito para aquilatar na história do Sertão o peso do **positivo** e do **negativo**. Qualquer que seja a conclusão ela não desmentirá, certamente, a afirmação segundo a qual aquela é a região mais **negativa** do país. Com efeito, olhando para trás nós a vemos acoirar o contrabando do ouro das minas gerais para ao exterior nos séculos XVII e XVIII; já nos anos vinte do nosso século ela se transforma em área de grande refúgio para a *Columa Prestes*. Estes acontecimentos tão diferentes entre si têm um ponto em comum: buscaram o Sertão como palco central de sua representação de **história negativa**. É aí, neste palco, que se dão dois acontecimentos ainda mais singulares e gigantescos de **história negativa**: o do cangaceirismo e o da guerra de Canudos que foi o conflito militar interno mais prolongado da história do país. Estes dois episódios projetam o sertão do nordeste com lugar de destaque no panorama mundial do banditismo social e das guerras camponesas. Os estudos de Hobsbawn evidenciam isto. Canudos é, assim, um capítulo relevante nas páginas não só da história nacional mas mundial.

Este acontecimento tão amplamente significativo - a Guerra de Canudos - a quase cem anos do seu desfecho permanece obscuro nas páginas de nossa história. Estudiosos provenientes das mais diversas matrizes teóricas já fizeram suas incursões no episódio sem que ele resultasse suficientemente esclarecido.

Para mim o **imanentismo historicista** indica o caminho a ser percorrido para dar uma resposta a esta questão: o episódio de Canudos é o resultado de contradições da vida nacional. Afinal o avanço do

exercito brasileiro ate os sertões de Canudos com quatro grandes expedições numa luta renhida e barbara envolvendo 12.000 militares, metade dos quais morreram em combate e que terminou com a degola sistemática dos prisioneiros não é prova suficiente de que Canudos foi plenamente um fato social, politico e militar intimamente ligado a sociedade brasileira e aos seus grandes interesses hegemônicos?!... Não é, portanto, tomando ao pé da letra o que Antônio Conselheiro dizia sobre suas crenças religiosas ou politicas sobre a monarquia ou a república que vamos encontrar as razões que o engendraram e ao seu movimento isto é, entretanto, o que faz - com objetivos obviamente instrumentais - a nossa história oficial com a tese do *fanatismo religioso e monarquista* do conselheirismo.

Afirma-se que Antônio Conselheiro era um *fanático monarquista* que lutava contra a república. Nisto residiria toda a razão de um conflito militar que assumiu as proporções que assumiu numa *guerra suja* contra camponeses esfomeados, maltrapilhos e armados precariamente! Trata-se, evidentemente, de um exorcismo politico-ideologico que, como tal, quer esconder e reprimir e não explicar. O esclarecimento desta questão virá com os desenvolvimentos com os quais responderemos a indagação que encontra o nosso tema de hoje: "por que Canudos" ?

## A Contradição Norte-Sul e o Arranjo de Poder

O que a tese do *fanatismo monarquista* quer esconder está no macro da nossa história nacional da época e não tanto no conjuntural imediato da passagem da monarquia para a república ou na disputa pelo poder entre os grupos dominantes na república. Com a decadência do açúcar no norte que se acentua a partir do início do século XVIII, o desenvolvimento do café no sul a partir de 1830 e o estancamento definitivo da importação de escravos negros a partir de 1850 desenvolve-se uma intensa disputa pela mão-de-obra entre o norte e o sul do Brasil. Esta contradição entre os setores dominantes do norte (açúcar) e o

sul (café) vai dar o rumo, o ritmo e a forma da história nacional no avançar do século e mesmo bem depois disso. Este vai ser o rumo, o ritmo e a forma de um grande arranjo hegemônico entre as classes dominantes brasileiras do norte e do sul. O **arranjo de poder** entre os setores dominantes do norte e do sul vai procurar congelar o equilíbrio social e político do país, em proveito da hegemonia do café. É o acordo entre o norte e o sul pelo *status quo* social e político. Por este acordo o sul passa a comandar hegemonicamente e o norte se enquadra aceitando participar de forma subordinada no aparelho de estado *republicano*. É inegável que o **recurso à imigração estrangeira** como fonte de substituição da mão-de-obra escrava é o elemento central desse processo que, entre outras virtudes, permitia também um acomodamento da contradição com o norte na disputa pela mão-de-obra. Com efeito, quem vai combater Canudos será o governo *paulista* de Prudente de Moraes que representava, depois das turbulências do início da república, o sólido controle das novas forças hegemônicas sobre os negócios do estado. É este quadro que vai explicar a contradição de um governo *paulista* que representando as forças econômicas que promovem a emigração estrangeira - hegemônicas no seio da república - vai comandar ao mesmo tempo o exército contra as dezenas de milhares de sertanejos miseráveis que representavam, sem dúvida, mão-de-obra barata à disposição de quem dela necessitasse e que se dispusesse a mobilizá-la... O quadro, como se vê, dá fundamento à pergunta: por quê, enquanto o café importava mão-de-obra estrangeira, as forças hegemônicas que o representavam, controlando o poder do estado com a república, comandavam o massacre da gente pobre que se aglomerava em Canudos? Por quê eram trabalhadores nacionais e segundo a ideologia oficial, assim, *indolentes*?!... Mas o exército nacional teria mesmo necessidade de 12.000 homens e quase um ano de luta para vencer os *indolentes* de Canudos?...

Muitos discordarão dessa tese afirmando que não havia mão-de-obra livre disponível antes da abolição ou que essa mão-de-obra existia, mas que se encontrava dispersa e assim de difícil e custosa mobilização. Na nossa literatura científica mais clássica o único que chega a admitir que o custo da mobilização **não seria tanto financeiro mas,**

**sim, político,** é Celso Furtado, em um pé da página do seu excelente trabalho sobre a *Formação Econômica do Brasil*. Os demais autores nem se colocavam esta questão tão tomados estavam pela concepção dominante segundo a qual a mão-de-obra estrangeira significava um avanço para o desenvolvimento do país. Estes últimos - como Caio Prado Junior na História Econômica do Brasil - ajudavam a propagar a visão segundo a qual a mão-de-obra nacional era atrasada e indolente... Era isto, aliás, o que comandava, o receituário ideológico positivista que orientou, no período, a **modernização conservadora**, ou a **articulação pelo alto** dos setores dominantes do norte e do sul do país. Segundo esta concepção a busca da mão-de-obra européia não tinha uma razão política mas por assim dizer **técnica**. Ela era socialmente mais avançada e assim mais preparada para o plantio e o tratamento do café. Não se pode, entretanto, negar as trágicas consequências políticas desta opção **técnica**. Ela marginalizou por décadas o trabalhador nacional e impregna ainda hoje a visão racista com o qual o sul encara a grande distância sócio-econômica, cultural e política entre o norte e o sul do Brasil. Houve, sim, uma **decisão política** nesta **opção técnica pela modernidade** e ela marca bem o rumo do nosso capitalismo selvagem que produziu Canudos ontem nos sertões da Bahia e produz outras Canudos hoje nas favelas de todo o país que, como ontem, são invadidas pelo exército nacional...

No meu entendimento é este o caminho para explicar o episódio de Canudos retirando-o de uma espécie de limbo em que a ideologia oficial o colocou e de onde ainda não foi retirado pelos esforços das ciências sociais.

O caráter macro da crise que gerou Canudos é a razão maior e mais imediata para estudar, debater e entender aquele episódio. Canudos, dessa forma, não é um curioso fato isolado, o resultado fâmigero de populações enlouquecidas pelo fanatismo, mas a expressão ou mesmo o resultado de desenvolvimentos perversos de fundo da sociedade brasileira.



Este quadro permite situar todo o sentido da célebre denúncia com que Euclides da Cunha - com a maestria de seu gênio poético e a energia de seus sentimentos cívicos - representou o drama histórico de Canudos com palavras pungentes na *Nota Preliminar* de sua obra prima OS SERTÕES:

*Aquela campanha lembra um refluxo para o passado e foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo*

E ainda:

*Eram, realmente, fragilíssimos, aqueles pobres rebelados...*

*Requeriam outra reação, obrigavam-nos a outra luta.*

*Entretanto, enviamo-lhes o legislador Combain;*

*E esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador: a bala.*

Euclides não podia conceber melhores termos para explicitar sua reação que, naturalmente, não é individual, mas coletiva. Ele denunciou os vencedores, tirou-lhes a razão, colocou-os na defensiva nos subterrâneos morais da história da nação. Afirmando que aqueles *pobres rebelados (...) requeriam outra reação (e) obrigavam-nos a outra luta*, Euclides manifesta a sua grande perplexidade política diante do acontecimento e sustenta a pergunta implícita: **por que mandamos bala ao invés de pão e mestres-escolas?** Essas afirmações civicamente indignadas e colocadas propositalmente na *nota preliminar*, precedendo dessa forma o desenrolar da trama literária de OS SERTÕES constituem uma ponte entre o artista e o cidadão em Euclides da Cunha. E esta é a pergunta cidadã, de Euclides, que temos que responder.

## A Revolução Passiva e o Rebelismo Anárquico

Encontramos em uma argumentação de Antônio Gramsci em torno do conceito de *revolução passiva* uma categoria interpretativa que penso nos seja útil para discutir os desenvolvimentos da nossa história social na qual, naturalmente, se encontra Canudos. Trata-se do

que ele chama de *subversivismo* ou *rebelismo anárquico e esporádico das classes populares* que, diz ele: *e elementar e disorgânico* e se opõe às *iniciativas populares unitárias* que ele afirma serem ausentes na história italiana. Segundo a reflexão gramsciana podemos concluir que no pensamento daquele autor estes fatos acabaram marcando caracteristicamente o desenvolvimento estrutural da história de seu país como uma história predominantemente de *revolução passiva*. Este desenvolvimento se dá sempre pelo alto, por iniciativa das classes dominantes, sem a pressão dialética das massas populares conscientes e organizadas e, desse modo, incapazes de se colocarem como um pólo autônomo e efetivo de poder dentro de relação de força sócio-política e institucional. O caráter unilateral que os grupos dominantes imprimem à própria iniciativa hegemônica na vida do país faz com que eles ocupem o poder de forma predominantemente coercitiva. Eles são, assim, para Gramsci, *restritamente dirigentes*.

Na *revolução passiva* o desenvolvimento econômico e social se dá de forma particularmente contraditória e desigual, atendendo certas áreas e interesses em detrimento de outras que se mantêm atrasadas. O desenvolvimento cultural e político que resulta dialeticamente desse processo e que constitui um dos seus pólos ativos acompanha a linha desse desenrolar desigual. O acordo ou **articulação pelo alto** entre os setores dominantes contraditórios do desenvolvimento histórico brasileiro deixa setores sociais populares significativos às margens das conquistas econômicas, sociais, culturais e políticas. Estes setores desatendidos tendem, assim, a se rebelar e o fazem seguindo o rumo do *rebelismo anárquico e esporádico*. Trata-se, então, de uma rebelião sem futuro que se justifica pela situação de abandono social, de miséria, de atraso social, cultural e político.

A sociedade brasileira tem seguido predominantemente um desenvolvimento desse tipo. Ela exhibe no quadro de sua realidade presente, bem como no perfil de seu desenvolvimento histórico de sociedade politicamente independente, as contradições e conflitos típicos - de natureza econômica, social, regional, cultural e política - que evidenciam o tratamento autoritário que tem recebido de suas *elites dominan-*

tes e espiritualmente dirigentes. Nesse quadro, os grupos populares, quando não colaboram positivamente para a manutenção dessa arquitetura social e política perversa o fazem negativamente com *rebeliões esporádicas e anárquicas* sem nenhum projeto de unidade mais amplo. Estas rebeliões e a consequente e inexorável repressão policial e militar deixam atrás de si a terra arrasada: destruição, tortura, sangue, e até a degola sistemática, gratuita e vil de derrotados indefesos... como em Canudos, há quase um século, em 1897. Não vejo, assim, em Canudos, nenhuma indicação positiva de como proceder para ampliar a democracia brasileira. Canudos é a luta de resistência renhida, heroica e cega, necessariamente bárbara de grupos populares socialmente explorados e abandonados politicamente e militarmente encurralados e covardemente massacrados pelo estado maior político das classes dominantes.

Canudos é, - e junto aqui, também, as outras formas de rebelião coletiva sertanejas do período que vai mais ou menos da grande seca de 1887 até a morte de Corisco em 1940 passando pelo massacre da população do Caldeirão (ajuntamento em uma fazenda do Pe. Cícero) incluindo evidentemente, a experiência pluridecenal de Juazeiro do Pe. Cícero e o complicado quadro que se seguiu à sua morte, no vale do Cariri - para mim, uma manifestação típica de *rebelismo anárquico* resultante de um quadro nacional contraditório gerado pelo **acordo pelo alto** entre as elites dominantes do norte e do sul que marcou a transição do império para a república.

A guerra de Canudos foi um episódio de repressão política atuado pelo estado brasileiro em uma região do território sob o seu controle mais formal que real, em nome de interesses sociais dominantes de caráter regional por ele congregados e que redundou num puro e simples massacre que deu cabo do inimigo definitivamente. É, aliás, exatamente esse o significado do gramsciano *subversivismo anárquico*: uma rebelião inconsistente, incapaz de planejar o seu desenvolvimento de forma a se articular e se sustentar politicamente de modo a seguir acumulando forças. São rebeliões que se esgotam em si mesmas dei-

xando suas forças completamente destruídas depois de enfrentamentos suicidas com as forças militares dominantes.

A rebelião conselheirista não foi, assim, um caso único no desenvolvimento de nossa história social, como entendem certas interpretações: que isolam aquele acontecimento e o destacam de forma a dar-lhe uma autonomia projetual latente ou manifesta que ele, indiscutivelmente, não teve. Essa interpretação, além de ilusória, é politicamente irresponsável e bem na linha do paternalismo político dominante, no Brasil. Esta interpretação instrumental e oportunista de Canudos por parte de certas correntes políticas de esquerda é marcada por concepções ultrapassadas do processo político baseadas na chamada **revolução permanente** que implica uma visão catastrófica do confronto entre a burguesia e o proletariado, entre o capitalismo e o socialismo. Nessa visão, a concepção *clauzewitzchiana* da guerra como continuação da política por outros meios, preside - de forma simplificada, esquemática - um entendimento do processo político anticapitalista como desembocando no socialismo através de uma ruptura explosiva ou violenta. Estas concepções que por tão longo tempo foram hegemônicas no movimento socialista clássico e mais tarde no movimento comunista, tendem a desvalorizar a **política como momento horizontal de agregação, articulação e aliança** entre interesses em favor de uma sua **definição verticalizada, militarizante**, da ação de blocos sociais e políticos colocados como organicamente opostos. A **resistência desesperada** dos conselheiristas por seu caráter imediatamente militar, fica próxima do modelo político concebido como exemplar por certas concepções maximalistas da esquerda.

No quadro da minha interpretação, Canudos foi uma ponta de iceberg do nosso desenvolvimento sócio-político perverso, marcado, assim, pelas constantes **manipulações** ou **articulações pelo alto** dos setores dominantes. Esse tipo de desenvolvimento político é gerado pelas elites dominantes *restritamente dirigentes e nacionais* e dita um rumo permanente da vida política da sociedade brasileira, também pela incapacidade da esquerda brasileira de atuar como incorporadora das grandes massas populares no processo político.

O caso emblemático de Canudos indica a situação de desespero extremo a que são impelidas as massas populares pela *revolução passiva* das elites dominantes. A resposta dos rebelados é, de um lado, energética, forte, destemida, heróica, como ficou demonstrado em Canudos, de outro é uma luta desesperada, destinada inexoravelmente à derrota porque, dominada pelo atraso, pelo despreparo e pelo isolamento.

## O CACHORRINHO SAMBA EM CANUDOS:

O Estranhamento na Literatura Infanto-Juvenil

Climaco Dias

Pesquisador do CEEC UNEB

A Guerra de Canudos sempre teve uma grande influência sobre a literatura brasileira. Desde o seu mais famoso livro “Os Sertões”, Canudos vem sendo uma rica fonte para os ficcionistas brasileiros e estrangeiros. Ali inaugurou-se o Romance denúncia, rompendo com uma fase anterior em que o sertanejo era tratado de uma forma idealizada. A tragédia canudense trouxe o conflito para a literatura, e o sertão passou a ser visto não mais como um espaço de “pobres felizes” mas como um palco de grandes conflitos sociais. Conselheiro e sua gente fez a literatura regional brasileira perder uma inocência, que na verdade era a indisposição para compreender o Brasil dos índios, dos negros, dos mestiços, dos oprimidos e famintos. E se Canudos tem essa importância para a literatura, a literatura também sempre foi muito importante para o resgate dos acontecimentos que há cem anos faz o Brasil ainda ficar perplexo.

Ficção e história sempre andaram de mãos dadas nessa tragédia brasileira. Dos livros surgidos quando ainda se buscava entender a dimensão real do massacre, grande parte seguiu a trilha da ficção. Em 1898 um ano após a destruição do Arraial, o escritor Afonso Arinos lançava “Os Jagunços” e o poeta popular Manoel Bombinhos publicava